

**BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.**

**Diego da Silva Santos**  
**Graduado em Psicologia pela PUC-Rio, Especialista em Gênero e Sexualidade pelo IMS/UERJ, Mestrando em Políticas Públicas em Direitos Humanos**

Não é das tarefas mais simples resenhar este livro da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Berenice Bento, pois ele não nos é apresentado de uma maneira linear. É um convite irresistível para uma viagem na vasta produção da autora para além dos moldes acadêmicos tradicionais, mas não acompanha essa produção de forma cronológica ou necessariamente temática. Aqui estão presentes comunicações orais, relatos de viagem, artigos de opinião publicados na imprensa, entrevistas e conversas acadêmicas, apresentações de livros e resenhas críticas. São diferentes formas de veicular produção acadêmica, reflexões teóricas, relatos políticos, opiniões.

Contudo, independente do formato do texto, todos partilham do olhar cuidadoso, da linguagem direta e simples – porém, jamais simplória – e da sagacidade ímpar da autora em realizar análises que cruzam diferentes marcadores sociais, numa ousada e necessária costura. Como diz Bento em uma das entrevistas, “*Gênero sozinho não explica nada, é uma categoria vazia*” (p. 165). A autora ressalta a importância metodológica e ética da interseccionalidade: Gênero e sexualidade são categorias analíticas e políticas potentes quando não estão isoladas, e quando não são usadas como variáveis independentes dos contextos econômicos, raciais, nacionais.

Ao longo das páginas que resgatam importantes momentos de reflexão e produção de conhecimento na carreira da autora, os mais diversos temas são abordados, sempre com propriedade e um olhar crítico em reflexões mais amplas.

Além da crítica às questões trans sob o enfoque biomédico, da luta pela despatologização do gênero e das identidades transexuais, travestis, intersexuais, das discussões sobre a lógica da abjeção e dos corpos ininteligíveis, do olhar sobre as modificações corporais, dos direitos às identidades sociais e cidadãs e do acesso à saúde; passando pelas reformas legais e políticas e legislações sobre populações vulneráveis, pelas reflexões e questionamentos das epistemologias que advém do norte do equador, dos diálogos com as teorias produzidas ao sul e o pensamento descolonial/pós-colonial e pelas revisões genealógicas das teorias feministas e de

críticas às limitações de algumas vertentes, Berenice Bento ainda promove grandes discussões sobre discriminações cruzadas – interseccionalidade entre classe, raça e gênero – promovendo pontos de reflexão e tensionamento sobre a temática das fronteiras e dos migrantes e as armadilhas das políticas de identidade nas discussões de direitos humanos, especialmente no que tange à reflexão sobre o problema do Estado, ou Estado como um problema.

Os escritos de Berenice Bento possuem o fôlego de cobrir um período longo, e como já dito, não é um livro nos moldes acadêmicos tradicionais: é sobretudo o resultado de ações e atuações políticas. Como diz Bento na apresentação do livro, os textos reunidos na coletânea são sua atuação enquanto pesquisadora/ativista a partir do contexto acadêmico, inseridos nos dispositivos que ocorrem em nossa sociedade em torno do gênero e da sexualidade – por meio de uma concepção do feminismo que desloca a consciência política da exclusividade da experiência corpórea. Sônia Corrêa, no prefácio, relembra que a maioria dos textos foi “gestada na zona áspera entre teoria e prática” (p.8), definindo-os como escritos de resistência.

O livro organiza-se em seis seções: *I. Comunicações; II. Entrevistas; III. Artigos de Opinião; IV. Ensaio; V. Apresentações de Livros; VI. Resenhas.*

Na primeira seção, as oito comunicações orais são oriundas dos mais diversos eventos, incluindo dois textos em espanhol – “*Los limites de los Derechos Humanos*” apresentado no Encuentro Regional de Género y Derechos Humano, em 2011, e “*Sexualidad y experiencias trans: del hospital a la habitación*”, uma conferência magistral do Encuentro Latino Americano y Caribeño de Sexualidade, de 2012. Na primeira conferência que abre o livro, Bento discute gênero e sexualidade como arma de guerra, trazendo relatos de viagem para debater homonacionalismo, Feminismo Colonial e *Pinkwash*, questionando-se como ter um pensamento engajado em direitos humanos, sexualidade e gênero e não se enredar por discursos que justifiquem guerras e genocídios utilizando a superioridade moral de definir formas de ler os corpos, os desejos e os gêneros. Conclui que os conflitos são guerras íntimas entre colonizador e colonizado, e o pertencimento legal a um Estado específico pode fazer o campo de direitos ser reduzido a nada – direitos humanos, direitos legais só existem a partir de condições previamente estabelecidas e ao estar-se vinculado legalmente a um Estado.

Outras comunicações presentes na seção são importantes pontos de reflexão apoiando-se em diferentes campos: os trabalhos “*O processo de Revisão do DSM-5: gênero é uma categoria cultural ou de diagnóstico?*”, “*Sexualidad y experiencias*

*trans*” e “*A luta mundial pela despatologização do gênero*” partem do diálogo com os discursos médico-jurídicos – o texto que debate o processo de revisão do DSM5-5 debate se o gênero é cultural ou diagnóstico, alertando que a universalização do particular de contexto local é reflexo da colonialidade e que o capítulo referente à cultura é uma concessão politicamente correta do DSM, emergindo sobre o caráter de controle dos corpos e o desejo de colonizar outras culturas; já o citado texto em espanhol traz importantes reflexões sobre os focos de estudo sobre sexualidade trans, esmiuçando questões sobre o foco na prevenção HIV/AIDS, foco nas práticas sexuais conflituosas com o genital e articulando o debate com saberes psi-médicos hegemônicos sobre os corpos e desejos trans. Por último, o texto sobre a despatologização do gênero cita os caminhos pela despatologização nas leis estrangeiras, exemplifica como o DSM ganha corpo em políticas de Estado e enumera os argumentos pela patologização vigentes, trazendo pontos de resistência a cada um deles.

No trabalho “*Por uma Sociologia das Abjeções*”, Bento questiona o silêncio da sociologia em contraponto à marginalização da população trans; ela justapõe os cânones sociológicos frente a novas formas de organização e desorganização da vida coletiva das novas subjetividades, novo que já habitava o mundo das relações sociais antes das pesquisas os elegerem como tema. O que pode e o que não pode ter teoria? No silêncio das ciências sociais, o vácuo discursivo sobre essa população marginalizada e abjeta foi preenchido pelas ciências psi e médicas, decifrando suas subjetividades enquanto distúrbios.

Em “*Los Límites de los Derechos Humanos*” Berenice Bento traz um questionamento chave de toda a coletânea de produções reunidas neste livro e que dialoga diretamente com o trabalho citado anteriormente: O que significa Humano e quem pode demandar os direitos de pertencer a essa categoria? Para a resposta, é necessário criar fissuras no gênero. Aqui a autora promove uma discussão do histórico progresso de estudos de gênero afim de evidenciar sua tese de que a compreensão do que é humano repousa na diferenciação sexual natural dos corpos: para ser reconhecido como Humano, um corpo precisa ser estável para receber inscrições culturais e tornar-se inteligível. O corpo é um texto socialmente construído, não há corpos livres anteriores aos discursos que investem neles e o sexo é uma das normas pelas quais a pessoa se torna viável e se qualifica para uma vida autêntica no interior da categoria Humano. Pessoas trans personificariam a abjeção e só entram na categoria Humanidade mediante a patologização de sua existência. Para a autora, é necessário desconstruir a própria

retórica dos Direitos Humanos, desconstruindo um discurso que gera dor e exclusão, justificando atrocidades com o outro a partir do gênero que define o humano desde a diferença sexual.

No trabalho “*Brasil: do mito da democracia às violências sexual e de gênero*” discute-se a exclusão da população LGBT no Brasil, feita por uma democracia de fachada. A tese de Bento é a de que o *pinkwash* brasileiro é feito na letra da lei, e tenta evidenciar isso mediante comparações da situação de LGBTTs e a população negra. A democracia racial é uma invenção da elite branca, a legislação ‘garante’ igualdade para todos, mas esse mesmo Estado é omissivo na formulação de estratégias para garantir o que está previsto em lei. Bento ressalta as estratégias sociais de apagamento das diferenças – o excluído deve limpar suas marcas de diferença para ser aceito; de mascaramento da cordialidade, numa ilusão de igualdade – há uma caridade por parte dos não-excluídos, e o fracasso passa a recair exclusivamente sobre o fracassado, há apagamentos de condições econômicas, sociais e históricas que produzem a realidade desigual. Bento deixa claro que o Brasil é marcado por leis para inglês ver – pois a lei só possui efetividade se nasce de um contrato social; mas por aqui há uma forte fé na força transformadora da lei, o que nos permite possuir um direito criminal robusto mas ineficaz para produzir mudança social.

No último trabalho da seção, “*Famílias e novas conjugalidades*”, a autora contrapõe o ideário de família como centralidade da vida humana, enquanto locus de aprendizagem de normas sociais, proteção, cuidado e estabelecimento de primeiros vínculos à proliferação de estudos da instituição família enquanto um espaço de violência. Para pessoas trans – em geral expulsas e excluídas de suas famílias consanguíneas – a alternativa é a invenção de famílias, construídas por uma rede de apoio e solidariedade. Bento lembra que essas formas de família são invisibilizadas pelo modelo hegemônico, e por isso, ao comentar a demanda pelo reconhecimento pelo Estado das novas conjugalidades questiona-se quanto à vida para além do Estado: só há legitimidade se houver reconhecimento do estado? Exigir legitimidade é sinônimo disso?

A segunda seção do livro traz quatro entrevistas: “*Nós fazemos gênero no dia a dia*”, originalmente publicada na revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), que traz o debate sobre as performances diárias, problematizando a matriz heterossexual, defendendo a dissociação entre gênero e estrutura biológica, por meio da compreensão da corporalidade, gênero e transexualidade socialmente, não em termos de uma lógica

patologizante que prima pela biologia; “*Binaridades não ajudam a entender as relações sociais manifestadas nas eleições*”, também originalmente publicada na revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), traz uma instigante digressão sobre a discriminação entre os estados nas eleições de 2014, na qual Berenice lembra que ódio ao nordestino é o ódio da classe que encontrou no governo vigente à época a materialização de um medo profundo de perder os privilégios seculares baseados na exploração da força de trabalho; “*É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da teoria queer ao sul do Equador*”, originalmente publicada na revista discente do Programa de Pós-graduação em sociologia da UFSCar, interpreta a transexualidade por meio da perspectiva da teoria *queer*, ressaltando as pesquisas e produções teóricas produzidas segundo essa abordagem na América Latina, especialmente, no Brasil, trazendo uma discussão essencial da potência política do termo *queer* em seu contexto local de origem que se traduz na proposta título do livro, estudos Transviad@s, sua tradução cultural e idiossincrática de teoria *queer* é sua saída para descolonizar o *queer*; *Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento* é a última entrevista, inédita, realizada por Diego Madi Dias, na qual há uma complexificação de ideias e debates teóricos explicitados nas entrevistas anteriores, na qual se reafirmam a postura despatologizante no estudo da transexualidade, a não binaridade e essencialização do gênero, a incompletude do gênero se isolado de outros marcadores sociais da diferença e o caráter lúdico do gênero enquanto um experienciar não cristalizável da identidade.

A terceira seção do livro contém quinze artigos de opinião, publicados na grande mídia como *Correio Brasiliense*, *Folha de São Paulo* e *Revista Cult*, por exemplo, além de páginas *on-line* e *blogs*. A amplitude dos assuntos abordados, já explícita nos textos anteriores, se multiplica nessa seção, em textos curtos nos quais Berenice passeia pelo espaço da paternidade no gênero (“*Os Filhos de Gonzagão*”), o retorno à problemática do Estado Islâmico (“*Solução final da questão palestina*”), o debate sobre as violências de gênero, destacando-se a discussão da complexidade do transfeminicídio, abordando limites legais e sua relação com o estado (“*Heterossexualidade e poder*”, “*A cerveja e o assassinato do feminino*”, “*Quando a intolerância virar passado*” e “*Um minuto de silêncio*”); em um dos artigos a brasileira Gisberta é lembrada e como sua morte pôde provocar uma transformação social em Portugal na questão transexual na mídia e na legislação. Entre outros assuntos, destacam-se as avaliações críticas das políticas governamentais para população LGBT,

em especial o segmento transexual e travesti (“*Disputas de gênero*”, “*Um cavalo de Troia chamado PL 72/2007*”, “*Direito à identidade de gênero: entre a gambiarra e o direito pleno*”, “*Carta-desabaFO e Transgênero*” e “*Direitos humanos e legislação*”), artigos nos quais a pesquisadora ativista se faz presente em cores ainda mais fortes.

As duas últimas seções do livro, apresentações de livros e resenhas, trazem a face comentarista da autora. São cinco apresentações e duas resenhas, publicações suas sobre outras obras, que também estão inseridas na discussão de gênero e sexualidade, no âmbito das ciências sociais e direitos humanos. Ao dialogar com essas obras que apresenta e resenha, a autora desvela a resistência que se manifesta em produção discursiva no âmbito acadêmico e das práticas sociais. A resenha do livro organizado por Cristina Maria Teixeira Stevens e Tânia Navarro Swain é um libelo da constante presença da discussão com paradigmas e limitações de teorias feministas nas questões de gênero, evidenciando a continuidade do gênero como categoria em disputa.

Com “*Transviad@s*” Berenice Bento reafirma sua importância nas bibliografias feministas, dos estudos de gênero, das compreensões da teoria *queer*/estudos *transviad@s*, das discussões sobre humanidade e sociedade. A riqueza da amplitude de seu pensamento, a sobriedade de seus pontos teóricos, a bravura de sua defesa em confrontar discursos hegemônicos sobre a patologização do gênero e a inexistência de uma identidade de gênero, a conseqüente urgência de sua denúncia quanto à nossa passividade frente à substituição da homossexualidade enquanto categoria diagnóstica pelo gênero e fundamentalmente o deslocamento político do entendimento de gênero que ela promove em sua abordagem frente às questões *trans* são pontos de sustentação de sua relevância acadêmica.

O livro nos coloca na experiência de nos sentir em um processo permanente de experiência e aprendizado. No início do livro Berenice Bento assume “Estou em processo permanente de aprendizagem e troca. Não estou pronta” (p. 25) ao comentar seu reconhecimento de não utilizar mais algum conceito que esteja empregado em textos antigos não alterando os originais para a publicação. Somente com diálogo, com a troca e com o debate é possível se abrir para realidades não antes enxergadas ou ouvidas. Ao citar Paulo Freire, Bento expressa seu desejo de que o livro possa transpirar seu embate com o mundo. É um desejo alcançado com sucesso. A resistência e as fraturas no discurso hegemônico da produção de corpos generificados estão impregnadas em cada linha. Sem dúvida este livro é de leitura obrigatória para tod@s que se debruçam sobre os estudos de gênero, de sexualidade, de direitos humanos.